

Etnoclassificação botânica por especialistas de saberes tradicionais do agreste sergipano, Brasil**Botanical ethnoclassification by traditional specialists from rough Sergipe, Brazil**

DOI:10.34117/bjdv6n10-612

Recebimento dos originais: 28/09/2020

Aceitação para publicação: 28/10/2020

Juliano Silva Lima

Doutor em Ecologia e Recursos Naturais UENF/RJ

Instituição: Instituto Federal de Sergipe

Endereço: Rod. Juscelino Kubitschek, s/n, Pq. de Exp. João de Oliveira Dantas, Nossa Senhora da Glória – SE, Brasil.

E-mail: juliano.lima@ifs.edu.br

Paulo Sérgio Maroti

Doutor em Ecologia e Recursos Naturais UFSCar/SP

Instituição: Universidade Federal de Roraima

Endereço: Avenida Capitão Ene Garcez - N. 2413, Aeroporto, Boa Vista – RR, Brasil

E-mail: paulo.maroti@ufr.br

Laura Jane Gomes

Doutora em Engenharia Agrícola UNICAMP/SP

Instituição: Universidade Federal de Sergipe

Endereço: Av. Marechal Rondon, s/n Rosa Elze, São Cristóvão – SE, Brasil

E-mail: laura@academico.ufs.br

RESUMO

Diversas comunidades humanas tradicionais usam a etnoclassificação como forma de identificar e categorizar os recursos naturais utilizados pelos moradores locais. Esse estudo teve como objetivo compreender os critérios de classificação etnobotânica utilizados pelos detentores de saberes tradicionais do agreste do estado de Sergipe, Brasil. O trabalho de campo foi realizado com especialistas populares de quatro comunidades rurais localizadas no entorno ao Parque Nacional Serra de Itabaiana (PARNASI), mediante o uso de entrevistas semiestruturadas e coleta botânica por turnês-guiadas com informações disponibilizadas pelos entrevistados a partir do acúmulo de informações empíricas dos recursos vegetais. Foram registrados 160 genéricos *folk* distribuídas em 149 monotípicos e 11 politípicos categorizados por meio de aspectos morfológicos e utilitários dos recursos vegetais. Os resultados apontam para riqueza de formas de identificação e sofisticação do conhecimento botânico dos especialistas locais. Com base nos resultados, percebe-se que o sistema de classificação etnobotânico adotado nas comunidades rurais pesquisadas reflete os saberes relacionados a aspectos biológicos e ecológicos da flora local, constituindo uma importante fonte de informação que deve ser considerado nas estratégias de recuperação e manejo dos recursos naturais.

Palavras-chave: recursos florísticos, etnotaxonomia, comunidades rurais.

ABSTRACT

Several traditional human communities use ethnoclassification as a way to identify and categorize the natural resources used by local residents. This study aimed to understand the ethnobotanical classification criteria used by holders of traditional knowledge of the wild in the state of Sergipe, Brazil. The fieldwork was carried out with popular specialists from four rural communities located around the Serra de Itabaiana National Park (PARNASI), using semi-structured interviews and botanical collection by guided tours with information made available by the interviewees from the accumulation of information empirical research on plant resources. 160 folk generics were registered, distributed in 149 monotypic and 11 polytypical categorized by means of morphological and utilitarian aspects of plant resources. The data point to a wealth of ways of identifying and sophisticating the botanical knowledge of local experts. Based on the results, it is clear that the ethnobotanical classification system adopted in the researched rural communities reflects the knowledge related to biological and ecological aspects of the local flora, constituting an important source of information that must be considered in the strategies of recovery and management of natural resources.

Keywords: floristic resources, ethnotaxonomy, rural communities.

1 INTRODUÇÃO

As informações históricas e culturais do uso dos recursos naturais são importantes ferramentas para o entendimento das relações estabelecidas entre o homem e o meio ambiente (Lévi-Strauss, 1997; Beaudreau et al., 2011). Essas informações quando coletadas em populações que ocupam áreas com significativa diversidade biológica, podem fornecer dados importantes sobre plantas e animais medicinais, alimentícias e com outros fins, ampliando assim as possibilidades de aproveitamento e uso racional dos recursos naturais (Miranda et al., 2008; Lima et al., 2018).

Propostas de manejo que contemplem o envolvimento dos atores sociais que exploram e/ou detêm informações valiosas sobre os recursos naturais têm sido consideradas como eficazes na conservação e manejo desses recursos (Lima e Gomes, 2014; Silva et al., 2017). Apesar da combinação entre o conhecimento tradicional e o científico ser de suma importância para o uso racional dos recursos naturais, essa tarefa não é simples, sendo necessário um esforço coletivo da comunidade acadêmica e do poder público voltado à valorização do conhecimento das populações tradicionais (Souza e Begossi, 2007; Magalhães et al., 2016).

Um importante campo da etnobiologia, denominado etnotaxonomia, também conhecida como taxonomia *folk* ou taxonomia popular, estuda como as populações nomeiam e classificam as espécies botânicas, buscando comparar a taxonomia clássica com a popular (Couto, 2007; Abreu et al., 2011). Os sistemas de classificação etnobiológicos estão intrinsecamente relacionados ao modo como as populações humanas interagem e percebem o mundo natural (Mourão e Barbosa Filho, 2018).

Da mesma forma que a taxonomia científica, a etnotaxonomia traduz-se num verdadeiro depósito de informações, na medida em que contém uma riqueza de informações sobre diversos

grupos de plantas e animais (Hunn, 1984; Beaudreau et al., 2011). A nomeação de organismos vivos na sistemática *folk* é similar em todas as línguas e pode ser descrita com base em um pequeno número de princípios nomenclaturais (Berlin et al., 1992; Holman, 2005; Agnarsson e Kuntner, 2007). Por esta razão, tanto a etnotaxonomia quanto a classificação biológica científica têm sido incentivadas por esforços intelectuais do ser humano para codificar linguisticamente a realidade biológica que o confronta (Amorim, 1997; Holman, 2005).

No Brasil, vários estudos têm sido voltados a entender como as populações tradicionais realizam o processo de identificação, agrupamento e classificação dos recursos naturais. Analisando os estudos atuais com a temática de classificação *folk* realizadas em populações humanas no Brasil, observa-se que a maioria dos estudos está direcionada ao campo das etnoclassificações zoológicas (Mourão e Nordi 2002, Mourão e Nordi 2006; Mourão et al., 2006; Mourão e Montenegro 2006; Souza e Begossi, 2007; Magalhães et al., 2016; Pinto et al., 2016; Silva et al., 2017), sendo poucos os estudos com enfoque na taxonomia *folk* dos recursos vegetais (Sambatti 2001; Hanazaki et al., 2006; Costa Neto, 2008 Abreu et al., 2011).

Partindo-se do princípio de que populações tradicionais e locais nomeiam e classificam as plantas que integram seu mundo natural de acordo com suas observações e aprendizados, este estudo apresenta as formas de identificação, classificação e nomenclatura de espécies botânicas por parte dos detentores de saberes tradicionais do agreste do estado de Sergipe, Brasil.

2 MATERIAL E MÉTODOS

ÁREA DE ESTUDO

O estudo foi realizado em quatro comunidades rurais do agreste do estado de Sergipe: Pedrinhas (10°49'464"S e 37°19'002"W), Caroba (10°49'983" S e 37°22'584" W), Cajueiro (10°50'314" S e 37°23'747" W) e Ladeira (10°50'069"S e 37°19'102"W), localizadas no entorno ao Parque Nacional Serra de Itabaiana (PARNASI).

Em todas as comunidades rurais foram reconhecidas três fitofisionomias distintas utilizadas pelos moradores locais: i) área de floresta úmida, ii) área de tabuleiro (areia branca) e iii) áreas antropogênicas (i.e., plantações agrícolas e quintais agroecológicos) (Lima et al., 2011a; 2018). As áreas de florestas úmidas e áreas de tabuleiros do PARNASI são utilizadas pela população na forma de extrativismo de produtos florestais (lenha ou madeira), na extração de frutas e plantas comestíveis não convencionais ou para fins medicinais (Lima et al., 2011b, Lima e Gomes, 2014).

COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com 31 especialistas de saberes tradicionais da flora local (i.e., mateiros, garrafeiros, rezadores, artesãos, carpinteiros), sendo 18 do sexo masculino e 13 do sexo feminino, com idade entre 45 e 92 anos, distribuídos heterogeneamente entre as quatro comunidades inventariadas: Pedrinhas (N = 14), Ladeira (N = 7), Caroba (N = 5) e Cajueiro (N = 5). O contato com os especialistas sobre plantas locais se deu a partir da técnica bola-de-neve (Goodman, 1961), segundo a qual um especialista local indica outro e assim sucessivamente. Todos os sujeitos da pesquisa foram informados sobre os objetivos do estudo e foi aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assegurando-se o direito à confidencialidade, anonimato e privacidade.

A coleta botânica foi realizada a partir de excursões nas áreas de florestas úmidas e áreas de tabuleiro de cada comunidade rural, acompanhados pelos especialistas locais. A técnica empregada foi a *turnê-guiada* (Spradley e McCurdy, 1972), quando o pesquisador seguia pelo caminho determinado pelo entrevistado, à medida que este fornecia os nomes populares das espécies, formas de classificação, e funções destinadas para cada planta (Albuquerque et al., 2014).

Os dados etnográficos foram analisados qualitativamente, considerando-se todas as informações citadas pelos especialistas locais. A análise de dados seguiu a metodologia proposta por Mourão e Barbosa Filho (2018), onde foi realizado um inventário de todos os genéricos *folk*, com os nomes vulgares de plantas, conhecidos por cada entrevistado. Foram incluídas na listagem todas as plantas arbóreas e arbustivas, usadas pelos moradores para uso medicinal, madeireiro, combustível, alimentação, artesanato, ornamental ou ferramentas.

Por meio da lista dos genéricos *folk* foi montado um banco de dados que foi utilizado para a elaboração de fichas de identificação dos genéricos e específicos *folk* e posterior agrupamento de todas as plantas citadas (Abreu et al., 2011). Na análise e representação dos agrupamentos realizados pelos especialistas locais foi utilizado o Diagrama de Venn adotado por Berlin (1992), onde se buscou relacionar a taxonomia etnobiológica à científica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

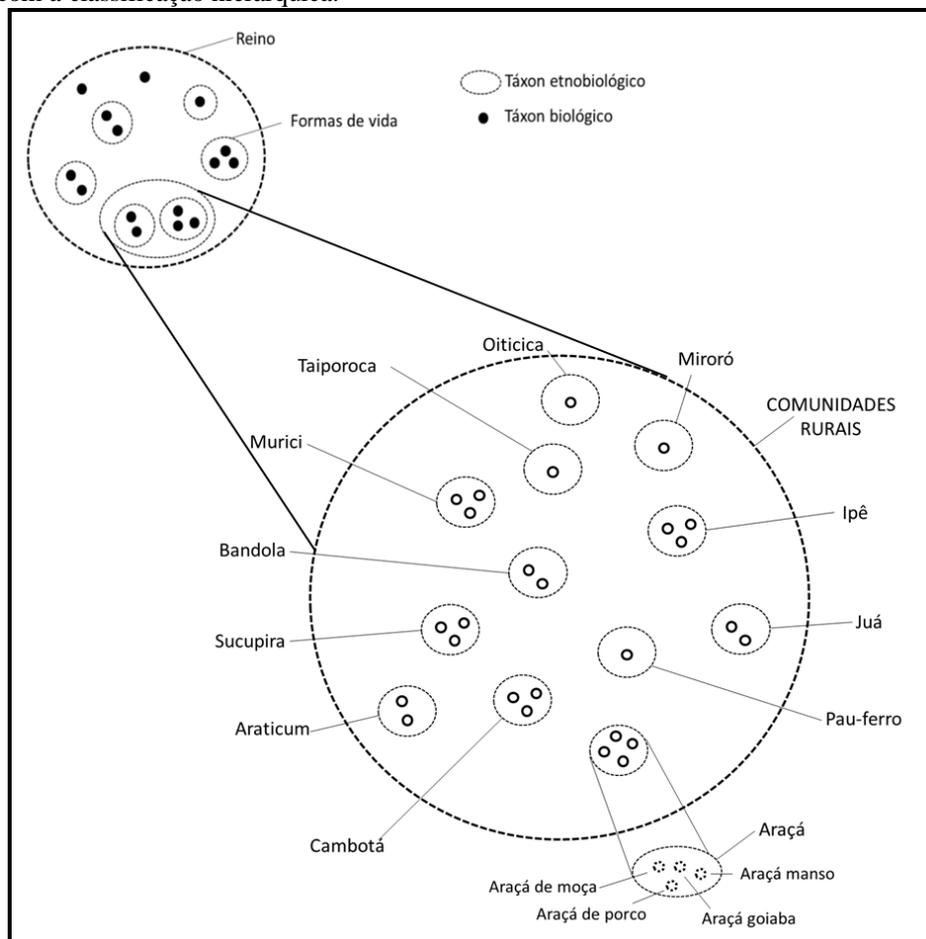
Foram registrados 160 genéricos *folk* distribuídas em 149 monotípicos e 11 politípicos. A classificação dos especialistas compreendeu quatro níveis da estrutura hierárquica (reino, forma-de-vida, genérico, específico) proposta por Berlin (1992), não sendo reconhecido o nível intermediário e variedade (Figura 1). O padrão dos níveis da estrutura hierárquica e o alto índice de monotípicos têm sido registrados constantemente na literatura (Morão e Nordi, 2002; Hanazaki et al., 2006;

Haverroth, 2007; Abreu et al., 2011) e parece ser uma tendência nos estudos de classificação *folk* de plantas realizados com populações tradicionais e locais (Sambatti 2001; Costa Neto, 2008).

As diversas estratégias de identificação, categorizações e nomeações das espécies vegetais na região do agreste de Sergipe apontam para uma característica multifatorial, onde caracteres físicos, utilitários e sociais são frequentes em seus critérios de separação, agrupamento e nomeação (Berlim, 1992; Holman, 2005). Padrões semelhantes foram encontrados nos estudos de Hanazaki e Rodrigues, (2006), Costa Neto (2008) e Abreu et al., (2011), que reforça o entendimento da semelhança entre a classificação dos subtipos de plantas pelas populações tradicionais com o sistema de classificação binário proposto por Lineu.

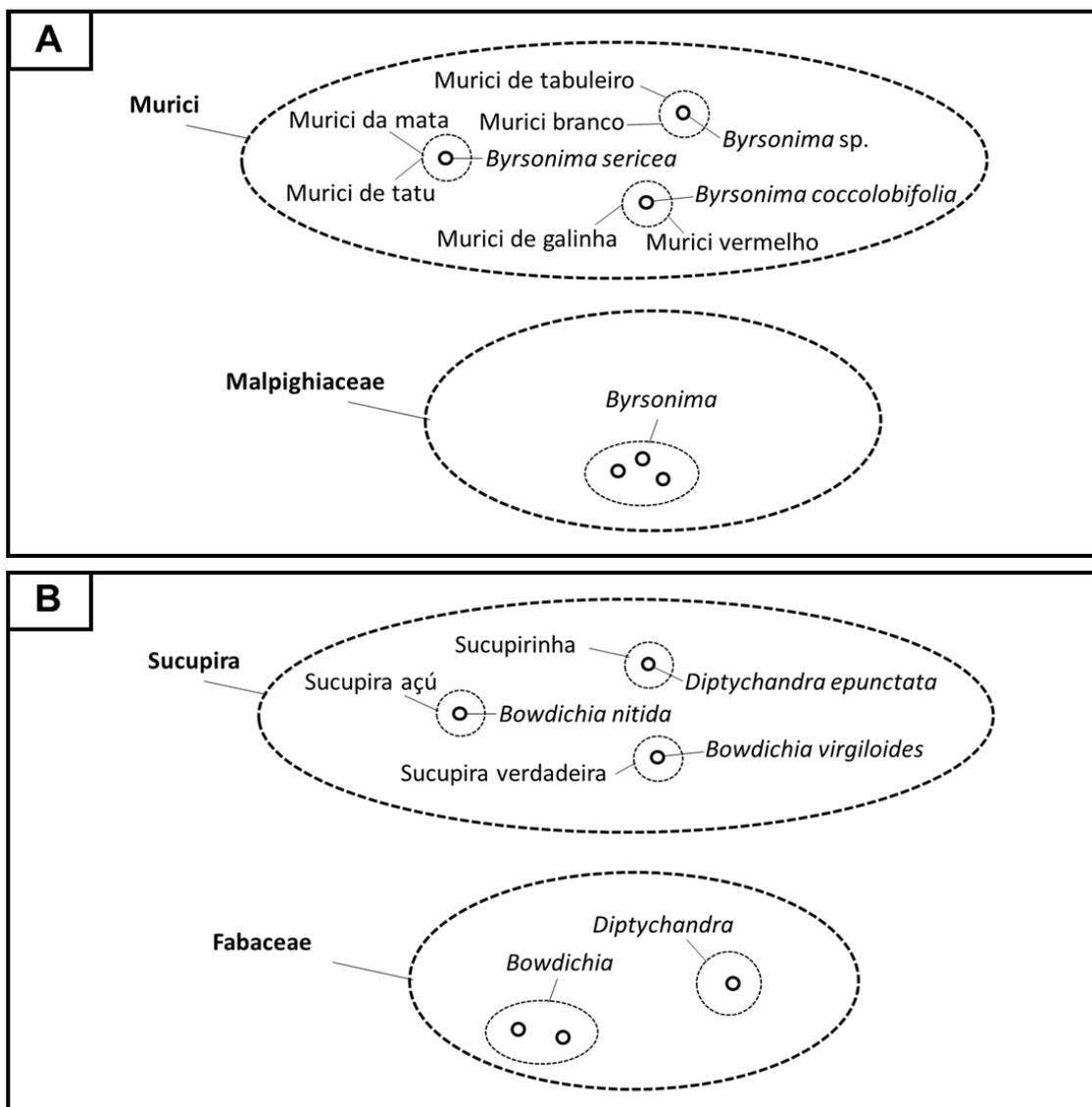
Assim como Lineu, os especialistas da região colocam “sobrenomes” nas plantas para diferenciá-las (Couto, 2007; Mourão e Barbosa Filho, 2018). No primeiro grupo de plantas, observa-se que o nome (Murici) refere-se ao gênero (*Byrsonima*) e o sobrenome (vermelho) ao epíteto especificador (*coccolobifolia*). Assim como a classificação do murici vermelho (*Byrsonima coccolobifolia* Kunth), outras espécies desse gênero seguem a mesma lógica de classificação adotada pelo modelo científico (Figura 2A).

Figura 1. Representação esquemática das quatro categorias da classificação etnobotânica e seus respectivos táxons, em uso simultâneo com a classificação hierárquica.



No caso da classificação da Sucupira verdadeira, Sucupira açú e Sucupirinha (Figura 2B), observa-se que os especialistas não seguem a mesma lógica anterior. Segundo Hunn (1984), isso ocorre por tratar-se de um caso de “plantas companheiras”, que são plantas de espécies diferentes, mas que possuem semelhanças nas características morfológicas e funcionais. Neste caso a espécie Sucupira verdadeira (*Bowdichia virgilioides* Kunth) é o prototípico (i.e., a espécie de referência), e o nome no diminutivo, Sucupirinha (*Diptychandra epunctata* Tul.), indica que é uma planta semelhante, mas de menor tamanho em relação à etnoespécie “cabeça” (Daily, 1997; Holman, 2005). O fato de não ser utilizada uma nomenclatura binomial, como no caso dos *Byrsonima* (murici), poderia suscitar a hipótese de que a nomenclatura binomial é somente utilizada quando há uma correspondência botânica disponível na flora local (Agnarsson e Kuntner, 2007; Beaudreau et al., 2011).

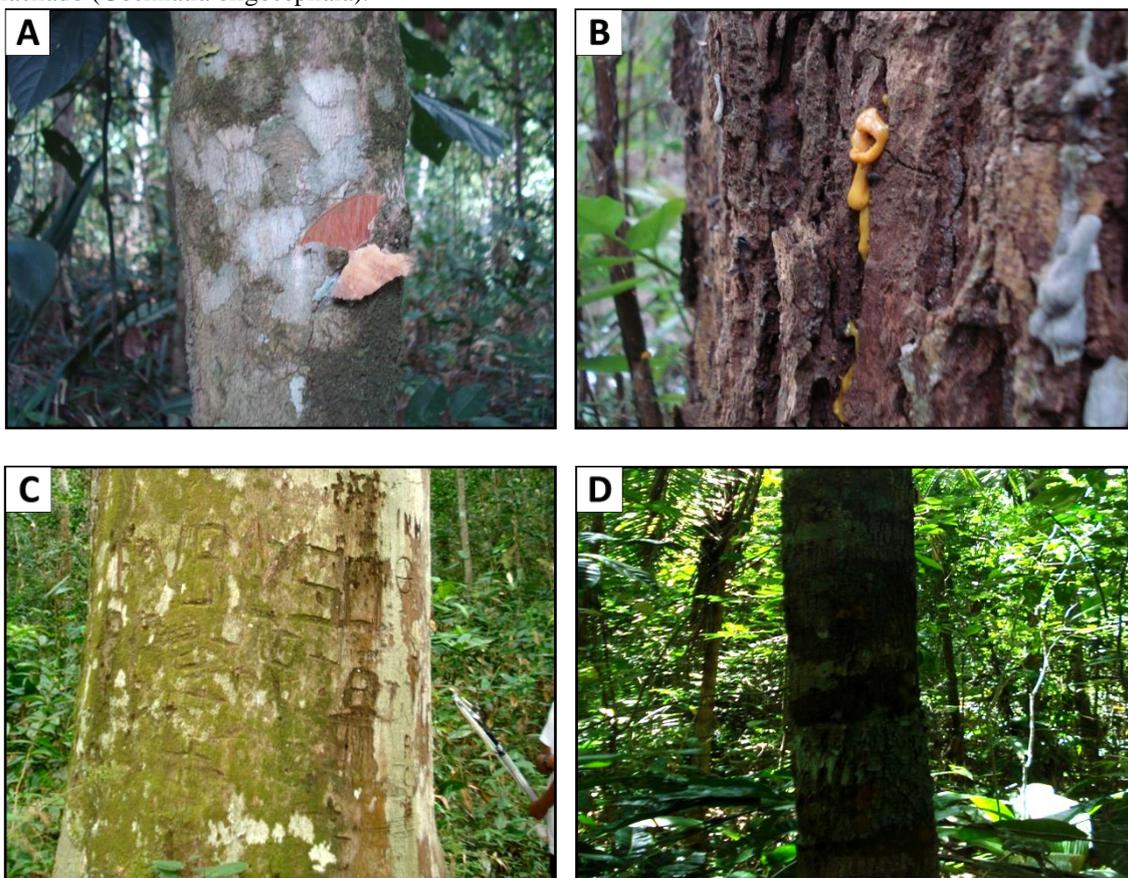
Figura 2. Diagrama de Venn mostrando o específico *folk* do genérico “murici” (A) e “sucupira” (B) e seus equivalentes na classificação científica.



Dentre os principais critérios de caracterização dos recursos vegetais foram identificados fatores utilitário, morfológico, linguístico, sensorial e ecológico (Couto, 2007; Abreu et al., 2011). Dentre os exemplos dessas formas de agrupamentos tem-se o caso “ipê roxo” (*Tabebuia impetiginosa* (Mart. ex DC.) Standl), “ipê branco” (*Tabebuia* sp.) e “ipê amarelo” (*Tecoma stans* (L.) Juss. Ex Kunth) que foram agrupadas de acordo com suas utilidades e morfologias.

Outras formas de identificação baseada em características morfológicas e sensoriais (i.e., textura e coloração do caule, forma das folhas, odor dos órgãos das plantas e cor da seiva) foram observadas entre os especialistas locais. A etnoespécie Carne d’anta (*Mayetnus* sp.), se diferencia das demais etnoespécies por possuir uma “*entrecasca da cor vermelha de carne*” (Figura 3A), o Landri (*Symphonia globulifera* L. f.) se diferencia por possuir um “*leite alaranjado*” (Figura 3B), o Pau d’óleo (*Copaifera* sp.) apresenta como característica marcante “*sair óleo do caule*” (Figura 3C), que é muito utilizado como seiva medicinal e o Cega Machado (*Gochnatia oligocephala* (Gardner) Cabrera) apresenta duas cores em seu caule (Figura 3D) e possui resistência capaz de “*cegar machados*”.

Figura 3. (A) Carne d’anta (*Mayetnus* sp.); (B) Landri (*Symphonia globulifera*); (C) Pau d’óleo (*Copaifera* sp.); (D) Cega machado (*Gochnatia oligocephala*).



Outras espécies vegetais também são identificadas pelos especialistas locais, utilizando as formas das partes das plantas como critério para diferenciação (Tabela 1).

Tabela 1. Caracteres morfológicos das espécies arbóreas e arbustivas utilizadas para identificar e nomear a flora local.

Etnoclassificação	Classificação científica	Características principais
Bumba-boi	<i>Himatanthus bracteatus</i> (A. DC.) Woodson	Fruto com formato semelhante ao chifre de boi.
Burra-leiteira	<i>Himatanthus</i> sp.	Grande quantidade de látex expelido quando cortado o caule.
Pé-de-veado	<i>Kielmeyera argentea</i> Choisy	Fruto com formato semelhante ao pé de veado.
Chapéu-de-boneca	<i>Davilla flexuosa</i> A. St.-Hil.	Fruto semelhante a um chapéu de boneca.
Pau-ferro	<i>Caesalpinia ferra</i> Mart. Ex. Tul.	Fruto e pecíolo com a cor semelhante a ferro.
Mijona	<i>Parkia</i> sp.	Referência à água expelida de odor forte, após o corte do caule.
Orelha-de-macaco	<i>Enterolobium</i> cf. <i>timbouva</i> Mart.	Fruto semelhante a uma orelha de macaco.

Em todos esses casos, os especialistas estabelecem uma nomenclatura de fácil reconhecimento e classificação, de acordo com aspectos morfológicos de partes dos vegetais (Holman, 2005). Assim como em outros estudos (Sambatti et al., 2001; Hanazaki et al., 2006; Costa Neto, 2008), essa forma de etnoclassificação ocorre porque as populações tradicionais e locais costumam vincular as formas geométricas das plantas, com aspectos culturais compartilhados entre os membros da comunidade, facilitando assim o processo de etnotaxonomia dos recursos vegetais (Amorin, 1997; Holman, 2005).

Além das características morfológicas de partes das plantas, a etnotaxonomia compartilhada entre os especialistas pode envolver aspectos utilitários vinculados a cada planta (Tabela 2).

Tabela 2. Etnotaxonomia folk das espécies botânicas, baseada na utilidade principal para cada plantas.

Etnotaxonomia	Classificação científica	Características principais
Abre caminho	<i>Lygodium volubile</i> Sw.	As folhas são indicadas para dar sorte e abrir os caminhos da pessoa.
Galinheiro	<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) M., S. & Frodin	Galhos usados na construção de gaiolas.
Lava prato	<i>Curatella americana</i> L.	Folhas indicadas na lavagem da louça.
Flor de São João	<i>Senna</i> sp.	Planta com floração no mês de junho e é usada como enfeite nas festas juninas.
Flor de Natal	<i>Tibouchina francavillana</i> Cogn.	Planta com floração no mês de dezembro e usada para enfeite no Natal

A utilização de critérios utilitários para classificar a flora local utilizada pelos especialistas do agreste sergipano, também foi registrada em outras populações humanas (Sambatti et al., 2001; Kakudidi, 2004; Costa Neto, 2008 e Abreu et al., 2011). Segundo Levi-Strauss (1997) as populações

tradicionais consideram as coisas vivas não somente nelas mesmas, mas também na relação com o que se assemelha a elas e com o que se diferencia delas, elaborando dessa forma métodos próprios de “*dar nomes*” as coisas vivas.

A forma como os especialistas das comunidades Pedrinhas, Caroba, Cajueiro e Ladeira utilizaram os critérios de classificação colabora para o amplo universo das denominações das formas de vida e no reconhecimento de agrupamentos biológicos, com base na similaridade e diferenças compartilhadas, tanto na classificação *folk* quanto na classificação científica (Berlin, 1992). Tais critérios reforça a ideia que as populações locais e tradicionais criam sistemas de agrupamento e classificação com lógicas linguísticas e ecológicas próprias, que são transmitidas e incorporadas aos sistemas socioecológicos ao longo do tempo (Couto, 2007; Albuquerque et al., 2013).

A composição dos saberes dos especialistas locais sobre identificação, coleta e uso dos recursos vegetais pode ser explicada a partir das experiências empíricas positivas ou negativas com uso da flora local (Daily, 1998; Haverroth, 2007) e pela hipótese da aparência ecológica proposto por Albuquerque et al., (2013). Dessa forma, as diversas formas de transmissão dos saberes etnotaxonômicos entre gerações são importantes para o desenvolvimento cultural de um determinado grupo social, a partir do momento que são criados instrumentos para identificação das espécies vegetais que serve como manual popular para uso dos recursos vegetais locais (Beaudreau et al., 2011; Lima et al., 2018).

Neste contexto, os resultados enfatizam a importância do conhecimento dinâmico na organização e classificações das espécies vegetais pelos entrevistados, em virtude do grande emprego de características utilitárias e não utilitárias da flora local (Hunn, 1982; Haverroth, 2007). O presente estudo corrobora com a ideia de que as populações locais/tradicionais vinculam características às espécies, como forma de caracterizar e diferenciar as coisas vivas (Mourão e Barbosa Filho, 2018). Esses aspectos e critérios, portanto, são importantes guias que facilitam o acesso e uso das plantas locais de acordo com as necessidades das populações (Lima et al., 2011a; Lima e Gomes, 2014).

4 CONCLUSÃO

O presente estudo fornece informações valiosas sobre etnotaxonomia botânica por parte dos detentores de saberes tradicionais do agreste do estado de Sergipe, Brasil. Apesar de ser uma proposta preliminar sobre as classificações *folk* nessa região, mostra a riqueza cultural e por vezes sofisticação dos conhecimentos tradicionais, seja por comparação com conceitos e estruturas científicas ou pelos próprios conceitos nativos.

Os critérios de classificação etnobotânico dos especialistas foram predominantemente morfológicos e utilitários e confirmam nossa hipótese de que as comunidades humanas nomeiam e

classificam as plantas que integram seu mundo natural de acordo com suas observações e aprendizados. Por tratar-se de um recorte espacial limitado, um maior número de comunidades investigadas poderia incluir novos padrões estruturais de classificação *folk*, sugerindo a necessidade de mais estudos voltados a etnoclassificação botânica, principalmente em áreas com grande diversidade biológica.

Nossos achados complementam dados pretéritos sobre o entendimento das estratégias de identificação, categorizações e nomeações das espécies vegetais por comunidades locais e tradicionais. E ainda avança em questões importantes relacionadas às características utilitárias e não utilitárias da flora brasileira, tendo como linha de base, o conhecimento de especialistas populares que vivem no interior do nordeste brasileiro. Tais dados fornecem importantes contribuições sobre níveis hierárquicos, critérios de agrupamento e categorização botânica, podendo ser úteis na criação de estratégia de manejo e conservação dos recursos naturais.

REFERÊNCIAS

- ABREU, D. B. de O.; FILHO, R.B. de O.; NETO, C. F. A. de V.; LUCENA, C. M.; FELIX, L. P.; LUCENA, R. F. P. Classificação etnobotânica por uma comunidade rural em um brejo de altitude no Nordeste do Brasil. *BIOFAR - Revista de Biologia e Farmácia*. Paraíba: v. 6, n. 1, p.55-74, 2011.
- AGNARSSON, I.; KUNTNER, M., Taxonomy in a changing world: seeking solutions for a science in crisis. *Systematic Biology* 56 (3), 531–539, 2007.
- ALBUQUERQUE, U.P; RAMOS, M.A.; LUCENA, R.F.P.; ALENCAR, N.L. Methods and Techniques Used to Collect Ethnobiological Data. In: ALBUQUERQUE, U.P.; CUNHA, L.V.F.C.; LUCENA, R.F.P.; ALVES, R.R.N. (eds.). *Methods and Techniques in Ethnobiology and Ethnoecology*. Springer: New York e Heidelberg Dordrecht: London, 2014, p.15-38.
- ALBUQUERQUE, U.P; SOLDATI, G.T.; RAMOS, M.A.; MELO, J.G.; MEDEIROS, P. M.; NASCIMENTO, A.L.B.; FERREIRA JÚNIOR, W. S. Pode o ambiente influenciar as nossas escolhas sobre o uso de recursos naturais? Evidências da aparência. In: ALBUQUERQUE, U.P. (eds.). *Etnobiologia. Bases ecológicas e evolutivas*. NUPPEA: Recife, 2013, p.101-126.
- AMORIM D.S. *Elementos Básicos de Sistemática Filogenética*. Ribeirão Preto: Holos, 1997. 276 p.
- BEAUDREAU, A.H.; LEVIN, P.S.; NORMAN, K.C. Using folk taxonomies to understand stakeholder perceptions for species conservation for species conservation. *Conservation Letters*, v.4, p.451–463, 2011.

BERLIN, B. Ethnobiological Classification: Principles of categorization of plants and animals in traditional societies. Princeton University Press: USA, 1992. 335 p.

COSTA NETO, E. M. Análise semântica dos nomes comuns atribuídos às espécies de Passiflora (Passifloraceae) no Estado da Bahia, Brasil. *Neotropical Biology and Conservation*, v.3, n.2, p.86-94, 2008.

COUTO, H. H. Ecolingüística. Estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus Editora, 2007. 462 p.

DALY, D.C. Systematics and ethnobotany: what's in a name? In: FONSECA; V.S.; SILVA, I.M.; SÁ, C.F.C. (eds.). *Etnobotânica: bases para conservação*. Seropédia, EDUR, 1998, p. 50-68.

GOODMAN, L. A. Snowball Sampling. *Annals of Mathematical Statistics*, Bethesda, v. 32, p. 148-170, 1961.

HANAZAKI, N.; SOUZA, V.C.; RODRIGUES, R.R. Ethnobotany of rural people from the boundaries of Carlos Botelho State Park, São Paulo State, Brazil. *Acta Botânica Brasilica*, v.20, n.4, p. 899-999, 2006.

HAVERROTH, M. Etnobotânica, uso e classificação dos vegetais pelos Kaingang. *Séries de Estudos e Debates*. v. 3. Recife: NUPEEA, 2007. 107 p.

HOLMAN, E.W. Domain-specific and general properties of folk classifications. *Journal of Ethnobiology*. v.25, p. 71-91, 2005.

HUNN, E; FRENCH, D. Alternatives to Taxonomic Hierarchy: The Sahaptin Case. *J. Ethnobiology*. v.3, p.73-92, 1984.

KAKUDIDI, E. K. Folk plants classification by communities around Kibale National Park, Western Uganda. *African Journal of Ecology*, v. 42, n. 1, p. 57-63, 2004.

LÉVI-STRAUSS, C. *O Pensamento Selvagem*. 2ed. Campinas: Papiros, 1997. 323 p.

LIMA, J.S.; GOMES, L. J. Conhecendo a flora místico-farmacológica do agreste sergipano. In: OLIVEIRA, D. M.; RABBANI, A. R. C.; GOMES, L. J.; SILVA-MANN, R. (eds.). *Usos, percepções, instrumentos de gestão e sustentabilidade da flora do estado de Sergipe*. São Cristóvão: Ed. UFS, 2014. p. 127-173.

LIMA, J.S.; MAROTI, P. S.; NASCIMENTO JÚNIOR, J. E.; GOMES, L. J. Distúrbios crônicos humanos em fragmentos de mata atlântica no nordeste do Brasil. *Brazilian Journal of Ecology*. v.1, p. 14-31, 2018.

LIMA, J.S.; MAROTI, P.S.; SILVA-MANN, R.; GOMES, L. J. Ethnobotanical survey of wild food plants by rural communities surrounding the PARNASI, Sergipe, Brazil. *Bioremediation, Biodiversity and Bioavailability*. v.5, n.1, p. 44-52, 2011a.

LIMA, J.S.; OLIVEIRA, D. M.; NASCIMENTO JÚNIOR, J. E.; SILVA-MANN, R.; GOMES, L. J. **Saberes e uso da flora madeireira por especialistas populares do agreste de Sergipe**. *Sitientibus série Ciências Biológicas*, v. 11, n.2, p. 239-253, 2011b.

MAGALHÃES, H. F.; COSTA NETO, E. M.; SCHIAVETTI, A. Classificação etnobiológica de crustáceos (decapoda: brachyura) por pescadores artesanais do município de conde, litoral norte do estado da Bahia, Brasil. *Ethnoscintia*. v.1, n.1, p. 1-13, 2016.

MOURÃO, J.S.; ARAÚJO, H.F.P.; ALMEIDA, F.S. Ethnotaxonomy of mastofauna as practised by hunters of the municipality of Paulista, state of Paraíba – Brasil. *Jornal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v.2, n.19, p.1-7, 2006.

MOURÃO, J.S.; BARBOSA FILHO, M. L. V. Ethnotaxomy as a methodological tool for studies of the ichthyofauna and its conservation implications: A Review. In: ALVES, R. R. N.; ALBUQUERQUE, U. P. *Ethnozology: Animals In Our Lives*. Cambridge: Academic Press, 2018. p. 71-93

MOURÃO, J.S.; NORDI, N. Principais critérios utilizados por pescadores artesanais na taxonomia Folk dos peixes do Estuário do Rio Mamanguape, Paraíba – Brasil. *Interciência*,v.27, n.11, p.1-6, 2002.

MOURÃO, J.S.; MONTENEGRO, S.C.S. (eds). *Pescadores e Peixes: o conhecimento local e o uso da taxonomia folk baseado no modelo berlineano*. Série Estudos e Debates. v. 2. Recife: NUPEEA, 2006.

PINTO, M.F.; MOURÃO, J.S.; ALVES, R.R. How do artisanal fishermen name Fish? An ethnotaxonomic study in northeastern Brazil. *Journal of Ethnobiology*, v.36, p.348–381, 2016.

SAMBATTI, J.B.M.; MARTINS, P.S.; ANDO, A. Folk taxonomy and evolutionary dynamics of cassava: a case study in Ubatuba, Brazil. *Economic Botany*, v. 55, n. 1, p. 93-105, 2001.

SILVA, E. R.; FISCHER, L. G.; MINCARONE, M. M. O saber dos pescadores artesanais de Macaé (RJ): subsídios para a conservação e manejo dos recursos pesqueiros marinhos. *Boletim do Observatório Ambiental Alberto Ribeiro Lamego*, v. 11, n.2, p.59-77, 2017.

Brazilian Journal of Development

SOUZA, S.P.; BEGOSSI, A.. Whales, dolphins or fishes? The etnotaxonomy of cetaceans in São Sebastião, Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v.3, n.9, p.1-15, 2007.

SPRADLEY, J.P.; MCCURDY, D.W. *The cultural experience: ethnography in complex society*. Tennessee: Kingsport Press of Kingsport, 1972. 200 p.